

O VAPOR INGLÊS «HIGHLAND»

que se perdeu ao norte



UE-página dramática o naufrágio dessa grande cidade transatlântica que na semana passada sucedeu ao norte das Berlengas! A grande imprensa já colocou diante do público a história do naufrágio. Já se sabe a que horas se deu o choque fatal, irremediável, do grande navio com os rochedos Farilhões. Já se sabe que vinham a bordo 555 pessoas, contando a tripulação, e que nem um só dos naufragos acolheu serenamente a forte rajada de desgraça dessa hora.

Lá um homem que é preciso lembrar aqui sem perda de tempo. O comandante do «Highland Hope», esse marinheiro de setenta anos, que perdeu a mocidade em corridas atlânticas, que encheu a cabeça de cabelos brancos em viagens marítimas, é o verdadeiro naufrago dessa cidade flutuante. Houve quem o visse chorar, fitando o desaparecimento do barco de que ele era o general em chefe, dessa grande casa de que ele era o chefe de família.

Na escala descendente dos naufragos mais desventurosos está ainda o resto da tripulação. Esses marinheiros, soldados do mar, nautas arrojados, que ganham o pão de cada dia correndo de porto para porto, esquecidos da desgraça, até que ela os vem abater, intempestivamente, como rajada traiçoeira, como golpe de fatalismo irremediável.

Agora, o susto, o susto que dura meses, dos que escaparam da morte. Fomos a Alcântara-Terra esperar o combóio dos naufragos. Era um combóio de rostos tatuados de terror. Como deve ser trágico, cheio de estremecimentos incompreensíveis, o momento inevitável de um naufrágio! Primeiro, o acordar violento, sem compreensão do que nos cerca, mas logo seguido de uma instintiva penetração de ter

LEGENDAS: — Em cima: A chegada das bagagens dos naufragos ao Posto Marítimo de Desinfecção.

Ao centro: Os naufragos procedendo à escolha das bagagens.

Em baixo: Os naufragos quando da chegada à estação de Alcântara.



INGLÊS «HIGHLAND HOPE»

deu ao norte das Berlengas

ror que gela como frio de inverno. E foi um pouco d'êste modo como se deu o naufrágio dessa maravilhosa cidade transatlântica inglesa. Os passageiros do «Highland Hope» dormiam tranquilos, socegados, sonhando com novos portos de desembarque, sonhando com lindas cidades desconhecidas. Primeiro, o choque de que ninguém faz caso... Logo a seguir, novo choque, estremecendo todo o navio, todos os corpos. Dá-se, então, a confusão inevitável. Toda a gente quer fugir, toda a gente quer salvar-se enquanto é tempo. Riquezas, malas, maletas, tudo é abandonado, porque a maior riqueza d'êste mundo é ainda a vida... Há centenas de passageiros que saltam para as baleeiras em trajes de tal insignificância que, certamente, não julgavam nunca ter de usá-los assim. É uma senhora chega a saltar, nua, nua por completo, para os braços de um pescador, que lhe oferece o seu capote.

Em todas as tragédias há destes esgares de cómico e ridículo. No naufrágio das Berlengas deram-se scenas de uma comicidade inigualável, mas a nuvem de tragédia que se espalhou sobre aquela nesga de mar, horas depois da grande catástrofe, não deixa espaço para sorrisos. E seria um sacrilégio uma atitude de alegria perante êsse grande espectáculo de dôr, de derrota, de desventura!

Que negra procissão de desilusões desencadeou êsse naufrágio! Ao contrário de muitos outros, mais trágicos, mais violentos, neste salvaram-se quasi todos os haveres e todas as vidas, excepto a dum pobre rapaz espanhol que ficou entalado entre uma baleeira e o costado do navio. Ah! Mas quantos projectos, negócios, sonhos, tombaram para sempre, sem salvação possível, no túmulo dessa triste realidade!...

LEGENDAS: — Em cima: Os naufragos na estação de Alcântara.
Ao centro e em baixo: Dois aspectos da chegada dos naufragos ao Posto Marítimo de Desinfecção no dia do embarque.

